

Bank of Montreal propõe conversão

por Cecília Costa
do Rio

O Bank of Montreal decidiu realizar a conversão ao par — isto é, sem deságio — de US\$ 100 milhões de créditos contra o Brasil em investimentos no mercado de capitais brasileiro. A dívida externa total do País com esse banco canadense é de cerca de US\$ 1,2 bilhão a US\$ 1,3 bilhão, informou o presidente do Banco Montreal de Investimentos S.A., Pedro Leitão da Cunha, que ontem pela manhã esteve em Brasília com o presidente do Banco Central, Francisco Gros, para dar entrada ao pedido de conversão, de acordo com a legislação que regula o investimento externo, tendo encontrado, por parte de Gros, "ótima receptividade".

A transformação de dívida em capital de risco, nesse caso, será feita por meio da criação de um fundo ou administração de uma carteira de investimento, que, além de permitir a compra de títulos negociados no mercado secundário, também gerará oportunidade para participações em "underwritings", ou seja, operações de emissões de ações por empresas privadas brasileiras no mercado primário.

A fim de obter autorização para a criação dessa carteira, à tarde o presidente do Banco Montreal de Investimentos, juntamente com o vice-presidente, Ruy Schneider, esteve na Comissão de Valores Mobiliários (CVM).

CONFIANÇA NO BRASIL

A iniciativa foi tomada pelo "chairman" do Bank of Montreal, William Mulholland — que anunciou a operação em Nova York, para que, além de ser divulgada internamente no Brasil, também repercutisse junto ao mercado financeiro internacional —, e visou, segundo explicou Pedro Leitão da Cunha, "demonstrar, nesse momento de crise, a confiança da instituição canadense na economia brasileira e que 'tanto bancos credores quanto o governo brasileiro têm interesse mútuo em restaurar o ritmo de crescimento do País'".

Além de ter solicitado autorização ao BC e à CVM, o banco, a fim de realizar a conversão, constituiu uma subsidiária em Barbados, que será a detentora "das participações em diversos canais de investimentos no Brasil".

Essa subsidiária foi criada, segundo esclareceu Ruy Schneider, porque a legislação do Canadá impede que o próprio Bank of Montreal seja o detentor dessas participações e também por motivos fiscais. O Banco Montreal de Investimen-



Pedro Leitão da Cunha

tos S.A., a filial brasileira, será o administrador da carteira. Não está descartada a hipótese de que outras conversões venham a ser realizadas, seguindo outras modalidades de investimento direto. Tudo dependerá dessa primeira experiência.

RENOVAÇÃO DOS CREDITOS

Indagado sobre a decisão do Morgan Guaranty Trust de reduzir o prazo das linhas de crédito para o Brasil para apenas um dia e sobre os bancos que declararam os juros não pagos como créditos não produtivos, Leitão da Cunha comentou apenas que cada banco credor tem sua própria política e que a seguida pelo Bank of Montreal é apostar nas perspectivas futuras da economia brasileira, esperando influenciar outras instituições.

"No nosso caso, renovamos todos os créditos de curto prazo e resolvemos realizar essa conversão, por acharmos que o Brasil é um país absolutamente viável. Nosso compromisso com o País não é de curto prazo. Só esperamos que o governo brasileiro venha a adotar medidas capazes de neutralizar o mal inflacionário, pois só assim será possível obter um crescimento auto-sustentado", afirmou.

A viabilidade econômica do País, comentou ainda, tem sido comprovada por estudos feitos pelo subcomitê assessor do comitê de bancos credores, que é liderado justamente pelo Bank of Montreal (o economista-chefe desse subcomitê, Douglas Smee, é funcionário do banco canadense).

Documentos internos da instituição sobre a potencialidade futura do Brasil acentuam, por outro lado, que a comunidade financeira internacional tem tido uma visão muito imediatista, esquecendo que, apesar de conviver hoje com desequilíbrios de curto prazo, "o Brasil nos últimos anos diversificou e fortaleceu sua economia, modernizou e ampliou o parque industrial, transformando-se numa potência de primeira grandeza".